

UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE AS TROCAS DIALÓGICAS OBSERVADAS EM DIÁRIOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE INGLÊS COMO L.E.

VIEIRA, Paula Franssinetti de Moraes Dantas

Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG
Professora do Instituto Federal de Goiás – Campus Goiânia
paula.pauladantas007@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo averiguar a importância das trocas dialógicas observadas em textos escritos produzidos por alunos do terceiro ano do ensino médio através do uso de diários. Dentre os vários conceitos que servem de sustentáculo para a dialogicidade bakhtiniana, ressaltamos alguns que se destacam ao longo dos diários observados: o endereçamento (*addressivity*) ao focalizarmos o modo como o Eu se dirige ao Outro, a responsividade (*answerability*) no momento em que são observadas as trocas dialógicas, a seletividade (*selectivity*) ao verificarmos a escolha vocabular realizada pelos alunos, bem como as questões de autoria (*authorship*) e agência (*agency*) evocadas nos textos. Para tanto, discutiremos como se dá a relação entre o Eu e o Outro através de textos escritos, como o Eu se dirige ao Outro em uma LE, e até que ponto as trocas de textos entre alunos podem contribuir para que se estabeleça um melhor desempenho em inglês por parte dos alunos envolvidos no processo descrito. Autores que abordam a teoria dialógica servirão de sustentáculo teórico para a pesquisa que aqui se apresenta, ressaltando, dentre outros: Bakhtin (2003, 2004), Braxley (2005), Dufva e Alanen (2005), Faraco (2009), Freitas (1994), Orr (2005) e Vigotsky (2003) com a teoria sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo, endereçamento, responsividade, diários.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de melhor compreender o significado do Eu e do Outro em uma perspectiva bakhtiniana, procuramos desenvolver a pesquisa que aqui se apresenta contando, para tanto, com a participação de alunos do terceiro ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás através da produção de textos escritos por eles em inglês como língua estrangeira (L.E.)¹.

O texto escrito concede ao leitor inúmeras possibilidades de compreensão do seu autor como ser social e histórico e que pode deixar transparecer suas mais diversas opiniões e facetas ao longo dos signos decodificados. Nesse sentido, encontramos eco nas palavras de Freitas (1994, p. 17-18) ao afirmar que

¹Doravante utilizaremos a forma abreviada LE para designar Língua Estrangeira.

O homem, portanto, não pode ser explicado como fenômeno físico, como coisa, mas tem que ser compreendido em suas ações. Essas ações, por sua vez, não podem ser objeto de compreensão fora de sua experiência sócio-cultural. Dessa forma, é o texto que possibilita tal compreensão. Assim, onde não há texto, não há objeto de investigação, nem pensamento.

Ao afirmar a importância da compreensão do homem através de suas ações e ainda que tal compreensão se dá por meio de sua experiência sócio-cultural, a autora reforça o caráter coletivo e social presente nas ideias, nos pensamentos. O mesmo ocorre com as palavras, com os enunciados, pois são tramas tecidas com as ideias e os pensamentos do Outro por meio da interlocução, do diálogo, das respostas a questionamentos diversos, mas que tecem uma teia de ir e vir, de responsividade e de várias vozes que podem ser absorvidas e ampliadas a partir do momento que passam a pertencer também ao Eu.

Estudar a teoria desenvolvida por Bakhtin é mergulhar em um universo repleto de vozes onde o Eu e o Outro ora se aproximam, ora se afastam, estabelecendo uma luta dialógica por meio da qual perpassam pensamentos, pontos de vista, historicidade e, acima de tudo, diálogos inconclusos. Talvez a incompletude seja a palavra que mais se aproxime do dialogismo bakhtiniano, uma vez que a natureza dialógica da linguagem é infinita de possibilidades e é essa incompletude que nos move no sentido de apresentar esta pesquisa.

Dentre uma gama de possibilidades de estudiosos da perspectiva bakhtiniana, alguns foram escolhidos como sustentáculo teórico deste estudo. Dessa forma, destacamos os trabalhos do próprio Bakhtin (2003, 2004), Braxley (2005), Dufva e Alanen (2005), Faraco (2009), Freitas (1994) e Orr (2005). Apesar do foco aqui não se sustentar sobre o pilar da teoria sociocultural, salientamos também os trabalhos de Vigotsky (2003) em virtude de sua importante contribuição no que se refere aos estudos sobre a natureza social da linguagem, bem como a valorização da interação tanto para a aprendizagem quanto para o desenvolvimento humano.

Mesmo que a história afirme que esses dois grandes estudiosos da figura humana, contemporâneos e compatriotas (Bakhtin e Vigostky) não tenham travado contato pessoal ou tenham se aprofundado nos escritos um do outro, é inegável a contribuição de ambos para um melhor entendimento do homem e daquilo que o constitui: a palavra, o pensamento, a linguagem e o diálogo.

Para uma melhor compreensão da importância das trocas dialógicas, três perguntas nortearão o estudo descrito, a saber:

- a) Como se dá a relação entre o Eu e o Outro através de textos escritos?
- b) Como o Eu se dirige ao Outro em uma LE?
- c) Até que ponto o aluno com menor conhecimento em inglês pode ser auxiliado pelo Outro?

Passemos, então, para a parte que trata da fundamentação teórica e que contemplará alguns dos conceitos nos quais nos baseamos para discutir a teoria dialógica estudada.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para começarmos a trilhar o caminho da teoria dialógica, se faz necessário recorrer primeiramente a Faraco (2009), que nos apresenta a alguns dos textos escritos por Bakhtin. Em *Para uma filosofia do ato*, somos convidados a refletir sobre o

dualismo entre o mundo da vida (o mundo prático, o real da existência humana, da historicidade viva) e o mundo da teoria (o mundo em que os atos concretos são objetificados).

Bakhtin reconhece a validade do mundo da teoria, no entanto, para ele, o mundo da vida significa a singularidade do momento vivido, uma vez que ele é único e irrepitível. Segundo Faraco (2009, p. 19-20),

Bakhtin, desde este seu primeiro texto, será um crítico contumaz do racionalismo [...], isto é, de um pensamento em que interessa o universal e jamais o singular; a lei geral e jamais o evento; o sistema e jamais o ato individual; um pensamento que contrapõe o objetivo [...] ao subjetivo, ao individual, ao singular [...]. Incomoda-lhe a ideia de sistema em que não há espaço para o individual, o singular, o irrepitível, o evêntico.

É a partir da noção do evento único, singular e irrepitível que a relação entre o Eu e o Outro vai emergir. No momento em que o Eu se percebe único e reconhece o seu valor social e histórico, ele é “compelido a se posicionar” (ibid., p. 21) e a responder ao Outro. Dessa forma,

O **eu** e o **outro** são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valores diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam [...] (FARACO, 2009, p. 21).

O ser axiológico irá apresentar, então, uma postura valorativa que emergirá do contato com ele mesmo e com o Outro concretizado pela palavra, pelo enunciado, pelo diálogo. A palavra irá se constituir como mediadora entre a consciência do indivíduo e o meio exterior (STELLA, 2005), sendo que é a partir dessa interação que a palavra irá ser preenchida de valores sociais, recebendo carga significativa sempre que vinculada a um enunciado concreto. Para o autor, sempre que escolhermos as palavras que farão parte do nosso ‘projeto discursivo’, elas carregarão ‘traços’ que possibilitarão seu uso em situações específicas. Tal fato é possível em virtude das palavras já terem sido experimentadas em outras situações e por outros interlocutores, garantindo dinamicidade ao contexto.

Segundo Stella (2005, p. 181), a compreensão da palavra é o resultado de um “processo de confronto e interpretação” e que “proporciona uma reavaliação, uma modificação e o surgimento de um novo signo na consciência, [...] resultado do contato e da assimilação pelo sujeito da *palavra do outro*”. Sendo assim, a carga ideológica constituída pela ação discursiva do sujeito bakhtiniano irá emergir nos encontros casuais, nas situações do dia-a-dia, diferentemente da noção de ideologia proposta pela teoria Marxista que a trata de maneira mecanicista. Para Miotello (2005), no livro *Marxismo e filosofia da linguagem* e ainda em *Problemas da poética de Dostoiévski*, o Círculo irá tratar de maneira mais profunda a questão da ideologia tomando por base o estudo da linguagem, pois, para o círculo,

[...] todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um ‘ponto de vista’, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou

negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico (MIOTELLO, 2005, p. 170).

Miotello (2005, p. 171) reforça a compreensão de que o sujeito bakhtiniano “não se constitui apenas pela ação discursiva, mas todas as atividades humanas, mesmo as mediadas pelo discurso, oferecem espaço de encontros de constituição da subjetividade, pela constituição dos sentidos”.

É nesse momento que compreendemos, então, o dialogismo bakhtiniano como o princípio que, segundo Dahlet (2005, p. 55), “estabelece a interação verbal como centro das relações sociais” nas quais o sujeito é coautor de seus enunciados, uma vez que o partilha com as outras vozes sociais presentes no contexto (ou contextos) do qual os enunciados emergem. A noção de autoria se dilui e se mescla com outros aspectos do conjunto do pensamento bakhtiniano, como estilo, gênero, uso e discurso.

Segundo Brait (2006, p. 57),

[...] tratar da concepção bakhtiniana de estilo significa, dentre outras coisas, percorrer os escritos, concebidos e publicados em diferentes épocas e, a partir daí, tentar delinear suas fronteiras, o que inclui a noção de autor/autoria, conceito forte dentro do que poderíamos denominar ‘análise e/ou teoria dialógica da linguagem’, e que ainda está à espera de um trabalho mais alentado.

Dessa forma, a autoria representa um dos aspectos expressivos da língua a qual se constitui na pluralidade do seu uso, das particularidades de um grupo social que utiliza essa língua, da cultura que dela emerge e da multiplicidade de vozes que a constituem. A autoria é, portanto, partilhada entre os sujeitos que dialogam acerca de um determinado assunto, seja ele amistoso ou polêmico, uma vez que a língua é “heterogênea, múltipla, formada pela variedade dos usos que a constituem, que conferem identidade a seus usuários, aos diferentes grupos que a utilizam das mais diversas formas” (BRAIT, 2006, p. 62).

Ao refletirmos sobre a heterogeneidade e a variedade dos usos da língua, nos voltamos para a pesquisa realizada por Dufva e Alanen (2005) em um contexto de sala de aula e na qual discutem sobre a consciência metalinguística de seus alunos enquanto aprendizes de inglês como LE. Inspiradas pelos argumentos dialógicos, as autoras reafirmam que a consciência metalinguística de seus aprendizes é necessariamente polifônica uma vez que ela se desenvolve em contato com diferentes contextos: familiar, educacional, midiático e é mediado através de situações e indivíduos diversos.

Também como parte da questão dialógica, destacamos o modo como respondo ou me dirijo ao Outro. O endereçamento (*addressivity*) pode ser, então, compreendido conforme Orr (2005, p. 62) como uma “adaptação discursiva recíproca”² na qual o ouvinte lança mão de estratégias comunicativas contextualizadas em resposta aos enunciados do falante. Dessa forma, o Eu tenta contextualizar a ideologia e a intenção do Outro para, por sua vez, ao desempenhar o seu papel como falante, garantir a possibilidade de ser também portador de intenções e ideologias em seu discurso. Para Braxley (2005, p. 13), “implícita à ideia de diálogo está o desejo de solicitar uma resposta; podemos até mesmo ter um respondente particular em mente”³, sendo que, para esse autor, ao escrevermos um texto podemos nos distanciar de nosso respondente em termos de espaço e tempo, no entanto,

²Tradução minha.

³Tradução minha.

continuamos a tê-lo como nosso alvo. Portanto, para Bakhtin (1986, apud Braxley, 2005, p. 13), “o ouvinte é sempre um respondente ativo”⁴. De acordo com Braxley (2005), ele pode ser ‘o próximo elo na corrente’.

Quando nos envolvemos em situações dialógicas, estabelecemos relações que deixam transparecer através da natureza semiótica do signo as diferentes esferas sociais pelas quais transitamos. Somos indivíduos socialmente organizados e nossa práxis reflete os valores nos quais acreditamos e que representam o grupo ao qual pertencemos. Dessa forma, Faraco (2009, p. 122) afirma que ao emitirmos um enunciado sempre haverá uma tensão entre as forças centrípetas (centralizadoras, monologizadoras) e as forças centrífugas (que resistem à monologização), uma vez que “os enunciados manifestam-se fundamentalmente como uma tomada de posição axiológica, como resposta ao que já foi dito. Sua significação comporta sempre esse estrato valorativo”. Assim, ao travar um diálogo, ao produzir um texto escrito, o indivíduo estabelece uma relação entre seu enunciado e os ‘horizontes sociais de valor’ e, fundamentalmente, entre aquilo que foi dito e o que foi presumido. Para Faraco (2009, p. 122), os enunciados emergem, então, “nesse caldo heteroglóssico e nos pontos de tensão entre essas forças”, decorrendo daí a importância da responsividade (*answerability*) e da escolha vocabular (*selectivity*) para o dialogismo.

Acreditamos ainda que a questão dialógica também se complementa através da discussão a respeito do princípio de agência (*agency*) o qual, segundo Vitanova (2005, p. 152), “não libera o Eu de sua constituição discursiva, mas se origina a partir da habilidade do Eu de criar novas oportunidades ao estabelecer a Sua voz”.⁵ O Eu precisa saber criar as oportunidades para se estabelecer no contexto discursivo e ao se articular numa prática dialógica contínua, o potencial de ser agente de seu próprio discurso torna o Eu sujeito de sua própria história.

No momento em que fizemos a opção por estudar a linguagem e o homem como aquele que a detém, encontramos em Freitas (1994) o respaldo que necessitamos ao reproduzir o valor e a importância da aprendizagem para esse estudo. A autora reafirma as ideias de Vigotsky (2003) e da relevância da interação, valorizando e caracterizando como “sendo indispensável o papel do outro” (FREITAS, 1994, p. 93). Vigotsky teve como objeto de estudo a linguagem a partir da criança em seu processo de aquisição e seus estudos contribuíram para uma melhor explicação do processo de constituição do sujeito e como ele organiza o conhecimento. Bakhtin, por sua vez, nos possibilitou compreender melhor a relação entre o Eu e o Outro, a produção das ideias, a escolha das palavras, o valor significativo do silêncio, o pensamento, os turnos de fala, bem como a questão da autoria e do princípio de agência (Eu tenho voz e vez).

Passemos à parte que trata da Metodologia utilizada para a realização desta pesquisa.

2. METODOLOGIA

Esta parte tem por finalidade descrever as etapas percorridas durante a realização desta pesquisa. Optamos por descrever o processo subdividindo-o em três partes: a primeira tratará do tipo de pesquisa realizado, salientando o porquê de sua escolha; a segunda apresentará o contexto em que a investigação foi feita; e, na

⁴Tradução minha.

⁵Tradução minha.

terceira, descreveremos os instrumentos e os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados.

A pesquisa em sala de aula

Em um contexto de ensino de línguas, a pesquisa em sala de aula se configura como fonte de rico material de investigação e que pode garantir valiosas informações sobre o ensino propriamente dito, sobre o processo de aprendizagem do aluno, além de fornecer informações que contribuem para o processo de formação do professor/educador.

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso que busca explicar um determinado fenômeno através da exploração de uma unidade de estudo, ou seja, a língua. Segundo Johnson (1992), um estudo de caso é definido em termos da unidade da análise que pode ser um aluno, um professor, uma turma, uma escola, por exemplo.

Optamos pela realização de um estudo de caso por buscarmos compreender uma situação, a língua em uso, no contexto em que ela ocorre – entre alunos que são colegas de classe. Nesse sentido, baseamo-nos em Nunan (1992), quando afirma que o estudo de caso se ocupa de retratar um fenômeno em um contexto particular, de fornecer mais do que descrições e, que, através da apresentação dos dados, podemos refletir sobre o processo de aprendizagem de nossos alunos e (re)transformar nossa prática de sala de aula. Passemos agora para a descrição do contexto da pesquisa.

O contexto da pesquisa

Os dados da pesquisa foram coletados em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio em uma instituição de ensino pública localizada na cidade de Goiânia, Goiás. A escolha por este contexto se deu por dois motivos: primeiro pela facilidade de coleta de dados, uma vez que a pesquisadora é também professora da turma e, segundo, pelo fato da turma em questão apresentar alto índice de participação durante as aulas, bem como demonstrar interesse pela referida pesquisa ao ser descrita pela professora/pesquisadora.

A coleta de dados aconteceu entre os meses de maio e junho de 2011, contando inicialmente com a participação de 16 alunos (8 duplas). No entanto, ao final do semestre, apenas 6 alunos (3 duplas) entregaram o material solicitado pela pesquisadora – os diários (*journals*) por eles escritos ao longo de pouco mais de um mês. Todos os 6 alunos receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexos), obedecendo aos princípios da ética na pesquisa, o qual fornecia informações acerca da pesquisa aplicada. Dentre todos os participantes, apenas um tinha idade acima de 18 anos, assinando ele mesmo o referido termo. Os demais recolheram as assinaturas dos pais, garantindo sua participação.

Acreditamos que o fato de ter escolhido os meses de maio e junho para a coleta de dados contribuiu negativamente para a coleta da totalidade do material, uma vez que mesmo demonstrando interesse em participar, os alunos estavam em um momento de provas finais do bimestre e de apresentação de uma série de trabalhos das disciplinas técnicas cursadas. No entanto, pretendemos dar continuidade a este tipo de atividade no decorrer no segundo semestre como forma de contribuir para a melhoria do desempenho do aluno ao utilizar o inglês como LE.

Instrumentos e procedimentos para a coleta e análise dos dados

A pesquisadora entregou aos participantes um caderno pequeno, solicitando que as duplas se organizassem de acordo com os seguintes critérios:

1. Um participante com maior tempo de estudo de inglês e o segundo com menos tempo de vivência na referida língua;
2. Preferencialmente que a dupla, mesmo sendo colegas de turma, tivesse pouco conhecimento de fatos da vida tanto de um quanto do outro.

Para tanto, os próprios alunos escolheram seus pares, recebendo um caderno onde passariam a escrever sobre assuntos de interesse de ambos. Todavia, o primeiro texto deveria partir do aluno com mais tempo de estudo de inglês e a temática deveria girar em torno de informações pessoais, como: de onde sou, o que gosto e o que não gosto de fazer, dentre outras. A partir daí, os assuntos abordados nos diários deveriam fluir das trocas efetuadas entre as duplas participantes.

Os alunos responderam também a um questionário contendo 6 perguntas e aplicado em sala de aula quando do início da pesquisa (meados de maio de 2011). As perguntas são descritas a seguir:

1. Qual o seu nome e sua idade?
2. Por favor, escolha um pseudônimo.
3. Você já estudou ou estuda inglês em um curso de línguas? Se sim, por quanto tempo?
4. Por que você se voluntariou para participar desta pesquisa?
5. Qual a importância do inglês para a sua vida estudantil e pessoal?
6. Como você se percebe como aprendiz de inglês?

Ao final do processo de coleta de dados e no momento da entrega dos diários, os alunos foram entrevistados pela pesquisadora, sendo, naquele momento, convidados a refletir sobre o estudo do qual participaram. Formou-se um pequeno círculo com os participantes e as perguntas foram lidas pela pesquisadora e discutidas pelo grupo. As respostas que, a princípio, deveriam ser gravadas em áudio, foram anotadas pela pesquisadora em virtude de um mal funcionamento do gravador utilizado. Dessa forma, as perguntas que seriam não-estruturadas e não-dirigidas sofreram algumas mudanças para que as respostas pudessem ser devidamente anotadas pela pesquisadora. Todo o processo levou cerca de pouco mais de 1 hora. As perguntas da entrevista são descritas abaixo:

1. Quais foram os assuntos abordados por você e seu parceiro durante este mês de troca de diários?
2. Qual foi o assunto que mais lhe interessou? Por quê?
3. Qual foi o assunto que menos lhe interessou? Por quê?
4. Houve algum assunto mais fácil ou mais difícil?
5. Você acredita que esta experiência contribuiu para você como aprendiz de inglês como LE? Explique sua resposta.

Concluída a parte que trata da descrição do contexto da pesquisa, dos instrumentos e procedimentos utilizados na coleta de dados, passemos para o momento em que os dados são apresentados, analisados e discutidos.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Temos aqui o objetivo de apresentar a análise e a discussão dos dados obtidos durante a realização desta pesquisa e que consta de três partes. Para tanto, tomaremos como eixo formador desta divisão as três perguntas que nortearam esta pesquisa. Passemos, então, para a primeira parte que trata da relação entre o Eu e o Outro.

A relação entre o Eu e o Outro através de textos escritos

Para Bakhtin (1984, p. 213), “uma voz sozinha não conclui nada e não decide nada. Duas vozes é o mínimo para a vida, o mínimo para a existência”⁶. E é pensando nesse sentido que compreendemos a importância da relação entre o Eu e o Outro para o processo dialógico e para o processo de aprendizagem de uma LE, foco deste estudo.

Para a primeira dupla participante da pesquisa, PH (que nunca estudou inglês em um centro de línguas) e Jilu (estudante de inglês há 3 anos), a relação estabelecida através do uso de textos escritos (5 textos no total) representou uma troca de informações entre assuntos que orbitavam em torno da família, preferências por garotas, esportes favoritos, comidas e bebidas. Os dois rapazes demonstraram a natureza dialógica do uso da língua ao ordenarem suas instâncias afetivas e comportamentais, deixando entrever a importância do contexto social para a revelação e composição de suas identidades. Observemos o trecho em que Jilu se apresenta a PH e a resposta de PH à primeira pergunta do diário:

[1]: *Hi, my name is Jilu, I am 17 years old, I study at IFG and make English Course at Skill. I like play basketball, 'sinuca', defense of the Ancients and in the first place play the guitar. I like blond women but I preffer brunets. And what about you?(Olá, meu nome é Jilu e tenho 17 anos, eu estudo no IFG e faço inglês na Skill. Eu gosto de jogar basquete e sinuca, defender os mais velhos e em primeiro lugar tocar violão. Eu gosto de loiras, mas prefiro as morenas. E você?)*

[2]: *Jilu, hi, my name is PH, I love sports and vehicles that have speed, formula 1, moto gp, motocross freestyle, make no more such sport. I also really like the pool [...] I like blonde girls, but not let go of the moraines, you have sister? (Jilu, oi, meu nome é PH, eu amo esportes e veículos que têm velocidade, fórmula 1, moto gp, motocross estilo livre, mas não pratico esses esportes. Eu também gosto de piscina [...] eu gosto de loiras, mas não deixemos as morenas de lado, você tem irmã?)*

Para as outras duas duplas participantes, as trocas dialógicas aconteceram de maneira mais intensa no que se refere à profundidade dos assuntos tratados. Para a dupla Tai (que nunca estudou inglês formalmente) e Bettini (estudante de inglês há 1 ano), o diário se constituiu como uma ferramenta utilizada para se conhecerem melhor ao tratarem de assuntos pessoais e fatos do dia-a-dia. Vejamos dois trechos em que as duas alunas escrevem sobre como são:

⁶Tradução minha.

[3]: *Hi, my name is Bettini, I'm sixteen years old [...] I have straight blond hair and blue or green eyes (I really don't know the correct color of my eyes). I think that I am a funny person, sometimes jealous, organized and stressed. But don't think that I'm like a 'monster', I have a lot of qualities [...](Olá, meu nome é Bettini, eu tenho dezesseis anos [...] Eu tenho cabelos loiros e lisos e olhos azuis ou verdes (eu realmente não sei a cor correta dos meus olhos). Eu acho que sou engraçada, às vezes ciumenta, organizada e estressada. Mas não pense que sou um 'monstro', eu tenho muitas qualidades).*

[4]: *Hi, nice to meet you Bettini, my name is Tai [...] I love the English, mainly American English, but I never did an English course, what little I know, I learned in school and watching movies. [...] Don't worry if you not me understand, because I don't me understand[...](Olá, prazer em conhecê-la Bettini, meu nome é Tai [...] Eu adoro inglês, principalmente o inglês americano, mas eu nunca fiz um curso de inglês, o pouco que eu sei aprendi na escola e assistindo filmes [...] Não se preocupe se você não me entender, porque eu mesma não me entendo [...]).*

Para Mandinha (que estuda inglês há um semestre) e Bia (que estudou por um ano e está parada há seis meses), as trocas se organizaram no sentido de descreverem suas rotinas, viagens no feriado, a importância de se estudar inglês e relatos sobre discussões em ambientes virtuais. Observemos os trechos em que as duas participantes tratam desse último assunto:

[5]: *Hi, Bia! [...] on last Sunday was tense, in the end game happened something problems, the people stressed because the Jatai's players aroused the Goiânia's players, but this is a long history. And now the people stay fighting in community Orkut, ridiculous! (Olá, Bia [...] domingo passado foi tenso, no final do jogo aconteceram alguns problemas, as pessoas estressaram porque os jogadores do Jataí brigaram com os de Goiânia, mas essa é uma longa história. E agora as pessoas ficam brigando no Orkut, ridículo!)*

[6]: *Hey, Mandinha! I'm rarely posting on my tumbler because I've studied english a lot through online course, it's a very good course to improve my pronunciation. You must do it too! I didn't say I dislike sports, I just said I don't play it [...] OMG fighting is so ridiculous! Looks like a kid thing, but it Always happens in competitions. (Oi, Mandinha! Eu raramente estou postando no tumbler porque eu tenho estudado inglês em um curso de inglês online, é um curso muito bom para melhorar minha pronúncia. Você deve fazê-lo também! Eu não disse que não gosto de esportes, eu só não pratico [...] Brigas pelo OMG são tão ridículas! Parecem coisa de criança, mas isso sempre acontece em competições!)*

Dentre os excertos destacados, percebemos, então, que as trocas dialógicas realizadas entre as duplas contribuíram para estabelecer contato, para aprofundar o conhecimento entre os pares e para discutir acerca de assuntos que eram de interesse de ambos. Nesse sentido, os dados destacados corroboram as palavras de Miotello (2005, p. 171) a respeito do sujeito bakhtiniano que “não se constitui apenas pela ação discursiva, mas todas as atividade humanas [...] oferecem espaço de encontros de

constituição da subjetividade”. Passemos agora para a discussão e análise da segunda pergunta norteadora desta pesquisa.

Como o Eu se dirige ao Outro em uma LE

Os termos endereçamento (*addressivity*) e responsividade (*answerability*) se destacam no momento em que discutimos acerca da atividade dialógica. Os trechos aqui destacados demonstram o quanto os sujeitos participantes se identificaram e buscaram se adaptar discursivamente de modo a se fazerem compreendidos em uma LE. Vejamos os seguintes excertos retirados do diário produzido por Mandinha e Bia:

[7]: *Hey Mandinha, my Holiday was very depressing. I stayed at home all day and I don't even saw the sun's light! Unfortunathy I'm not talking with my friends 'cause they are all fake: (so I prefer stay alone posting in my tumbler, by the way you saw my tumbler right? Oh! I'm really happy that you liked it, hope you visit it always you can... (Oi Mandinha, meu feriado foi depressivo. Fiquei em casa o dia todo e não vi nem a luz do sol! Infelizmente não estou conversando com meus amigos porque eles são todos uns falsos: (então eu prefiro ficar sozinha postando em meu tumbler, e por falar nisso você viu meu tumbler certo? Oh! Fico muito feliz que você tenha gosta e espero que o visite sempre que puder...)*

[8]: *Hi, Bia, can I cal you bia ok? Oh, My God, your Holiday was very depressing, it's sad. And all your friends are fake, sorry. Then, I'll always visit your tumbler. It's a cool, I like it so much. Oh, thank you for to see me playing handball! [...] (Olá, Bia, posso chamar você de Bia, certo? Oh, meu Deus, seu feriado foi depressivo, isso é muito triste. E todos os seus amigos são falsos, sinto muito. Oh, obrigada por me ver jogar handball!)*

Fica evidenciado nos trechos [7] e [8], por exemplo, o quanto as estratégias comunicativas de Bia acabaram por ‘customizar’ as respostas de Mandinha, assim como as escolhas vocabulares realizadas (*selectivity*) acabam por influenciar os enunciados presentes nos diários. Vemos que Mandinha repete a frase inicial utilizada por Bia (*my Holiday was very depressing*) e termos como *fake* são repetidos por Mandinha em sua resposta.

O trecho seguinte, retirado do diário escrito por Tai e Bettini também comprova o quanto a escolha vocabular influencia o modo como o Eu se dirige ao Outro em uma LE.

[9]: *Hi, Tai! Don't worry about this, you were too busy, I understand you, because I was busy this week. I'm depressed because in the next weekend is the Valentine's Day, and I don't have Money! I don't know what to do! [...] (Olá, Tai! Não se preocupe com isso, você estava muito ocupada, eu te entendo porque estava ocupada esta semana. Estou depressiva porque no próximo final de semana é o dia dos namorados e eu não tenho Dinheiro! Não sei o que fazer!)*

[10]: *Hi, Bettini, the valentine's day too me worry, but is because I don't have a boyfriend and not it is fun being alone. So, as you don't have Money buy something more simple [...] (Olá, Bettini, o dia dos namorados me preocupa também, mas porque eu não tenho um namorado e não é nada legal ficar sozinha. Então, como você não tem Dinheiro compre algo mais simples [...]).*

Vemos que a escolha vocabular de Tai reflete aquela realizada por Bettini, destacando o uso da palavra dinheiro (*Money*) escrita em maiúscula pelas duas alunas. Passemos para a terceira pergunta que vai tratar de como o aluno com menor conhecimento na LE pode ser auxiliado pelo Outro.

Até que ponto o aluno com menor conhecimento em inglês pode ser auxiliado pelo Outro

Conforme ressaltado no capítulo que trata das bases teóricas que fundamentam este estudo, a teoria sociocultural de Vigotsky (2003) aponta para a importância da relação entre o Eu e o Outro naquilo que tange à aprendizagem. A palavra, o pensamento, o diálogo, tudo funciona em cadeia e de modo a ser o instrumento necessário para a aprendizagem. Neste momento da pesquisa somos movidos pela intenção de verificar até que ponto o Eu e o Outro se influenciam durante as trocas dialógicas observadas nos diários produzidos pelos alunos.

Conforme vemos nos trechos [7] e [8] retirados do diário de Bia e Mandinha, a escolha vocabular de uma influencia a resposta promovida pela outra, sendo o mesmo percebido nos trechos [9] e [10] produzidos por Tai e Bettini. Observemos, na sequência, outros trechos em que uma dentre as quatro participantes destacadas se prontifica a corrigir os ‘erros’ cometidos pela sua parceira que é menos experiente na LE.

[11]: [...] *I like reading novels, books in general. And about your proffession, what are you want do? I wanna be an engineer, I like to see the builds, the constructions. Now, I let you answer me! Good bye, Tai! See you! Obs: Every words that I ‘cut’ in your text is because you don’t need to put the words there. And the Words that I underlined is because you could change. (Eu gosto de ler romances, livros em geral. E a respeito de sua profissão, o que você quer fazer? Eu quero ser engenheira, eu gosto de ver os prédios, as construções. Agora vou deixar você me responder! Tchau, Tai! A gente se vê! Obs: Todas as palavras que eu ‘cortar’ em seus textos é porque você não precisa colocar essas palavras aí. E as palavras que eu sublinhar é porque você pode trocar).*

[12]: *Hi, Bettini. I loved your nickname, is beautiful [...] I’m happy in be you best friend, now you are my best friend, and can count on me forever, okay? [...] Thanks for the tips on my writing [...] (Olá, Bettini. Adorei seu apelido, é bonito [...] Estou feliz em ser sua melhor amiga, agora você é minha melhor amiga e pode contar comigo para sempre, okay? [...] Obrigada pelas dicas sobre minha escrita).*

Nas trocas textuais realizadas entre Mandinha e Bia, observamos que Bia passa a realizar algumas correções destacadas em caneta azul (os diários foram escritos a lápis) sem acordo prévio. Ao longo dos textos os ‘erros’ são numerados e identificados ao seu final, com destaque para o modo considerado correto pela corretora. De modo interessante, o mesmo passa a acontecer a partir do segundo texto escrito por Mandinha no qual Bia também passa a apontar os ‘erros’ cometidos pela parceira. Esse acordo mútuo e silencioso produz efeito ao longo dos 11 textos escritos pelas duas participantes e que contribuiu positivamente para a aprendizagem de ambas na língua estudada.

Podemos perceber que as três duplas assinalaram positivamente para sua participação na pesquisa descrita. Na resposta à pergunta 4 (sobre o porquê de ter se voluntariado para a pesquisa), PH [13] e Jilu [14] afirmam o seguinte:

[13]: *Acho que ajudaria muito em uma pesquisa e pesquisas buscam a realidade para achar soluções para os problemas.*

[14]: *Porque eu achei que seria legal aprimorar meus conhecimentos e até conhecer mais o meu parceiro de cartinhas.*

Na resposta à pergunta 5 (sobre qual a importância do inglês para a sua vida) e que consta do questionário aplicado aos participantes, salientamos a de Mandinha que é um espelho das respostas dos demais:

[15]: *O inglês é importante para tudo nessa vida, vestibular, para o mercado de trabalho pois é um diferencial no currículo, e além do mais eu pretendo fazer um intercâmbio nos Estados Unidos.*

Durante a entrevista realizada ao final da coleta de dados, a pergunta que mais suscitou comentários dos participantes foi a questão de número 5 na qual os participantes foram convidados a discutir acerca da contribuição da pesquisa para o processo de aprendizagem de uma LE. Todos os participantes foram unânimes ao ressaltar o quanto apreciaram ter podido participar, sendo que destacamos aqui a resposta dada por Tai:

[16]: *Adorei ter participado da pesquisa. Tive a oportunidade de conhecer e fazer uma nova amiga, além, é claro, de aprender com ela muitas coisas em inglês. Gostaria muito de poder continuar escrevendo um diário em inglês e talvez trocar o diário com outros colegas até mesmo de outras turmas... vai ser uma oportunidade legal de conhecer mais gente e aprender mais.*

Vale ressaltar que a sugestão dada por Tai no que concerne a continuação do uso de diários em inglês foi reforçada por todos os outros participantes e será acatada pela professora da turma estudada. A entrevista realizada serviu para ampliar algumas das respostas dadas pelos participantes durante a aplicação dos questionários.

Passemos, então, para as considerações finais quando também apresentaremos sugestões para pesquisas futuras, destacaremos as limitações observadas no decorrer do estudo e faremos a retomada das perguntas que delimitaram este estudo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento destacamos algumas limitações encontradas para a realização da pesquisa, apresentamos algumas sugestões para pesquisas futuras e fazemos uma retomada das perguntas que nortearam esta pesquisa.

Durante a coleta dos dados apresentados no decorrer deste texto, percebemos que o momento talvez não pudesse ser considerado como ideal em virtude de ter acontecido ao final do primeiro semestre de 2011 e ser um período em que os alunos estavam envolvidos na realização de atividades avaliativas e apresentação de trabalhos para as disciplinas do núcleo técnico da instituição pesquisada. Talvez seja por esse motivo que de um total de 8 duplas (16 alunos), apenas 3 (seis alunos)

entregaram os diários na data combinada (final do mês de junho) e participaram da entrevista final. Todavia, acreditamos que mesmo com uma participação reduzida, os dados coletados foram suficientes e demonstraram ser valiosos para a análise proposta.

No que tange a realização de pesquisas futuras, a análise do processo dialógico evidenciado pela teoria bakhtiniana revelou ser um terreno fértil e promissor podendo contribuir para várias pesquisas na área de ensino de línguas. Pesquisar a importância do processo colaborativo em uma perspectiva dialógica é uma dentre as várias possibilidades apontadas pelo estudo aqui descrito.

No que se refere às perguntas norteadoras deste estudo, observamos durante a análise realizada que a relação entre o Eu e o Outro se dá de maneira equipolente, onde as várias esferas se interrelacionam a partir das trocas dialógicas observadas nos textos produzidos pelos alunos. Percebemos que os textos de PH e Jilu refletem essa equipolência de vozes, mesmo que Jilu seja o participante considerado como mais 'competente' na LE pesquisada.

Em relação à segunda pergunta da pesquisa (Como o Eu se dirige ao Outro em uma LE), os dados evidenciaram alguns dos conceitos ressaltados da teoria dialógica, como o endereçamento (*addressivity*), a seletividade (*selectivity*) e a agência (*agency*). Destacamos ainda o desenvolvimento da consciência metalinguística destacada por Dufva e Alanen (2005) e evidenciada nas respostas fornecidas durante a realização da entrevista final.

A terceira e última pergunta tratou do auxílio fornecido pelo aluno com mais conhecimento na LE em relação àquele com menor experiência. Os dados destacados nos textos de Bettini e Tai, bem como naqueles produzidos por Mandinha e Bia revelaram que independentemente do tempo de experiência com a língua, os participantes se ajudaram mutuamente e aceitaram as correções e sugestões realizadas. Nesse momento, a questão da agência (*agency*) ficou evidenciada, conforme salienta Vitanova (2005), uma vez que o Eu soube criar oportunidades e estabelecer contextos discursivos. O Eu e o Outro interagiram e criaram as oportunidades necessárias para que a aprendizagem acontecesse de modo a garantir o sucesso da atividade.

Finalizamos o estudo reafirmando a importância do processo dialógico bakhtiniano e também ressaltando a questão da parceria, da colaboração e do sociointeracionismo de Vigotsky (2003) para as pesquisas desenvolvidas na área de LEs. Brait (2005), Braxley (2005), Freitas (2003), dentre outros pesquisadores compreenderam o pensamento bakhtiniano e percorreram os caminhos que conduzem aos diferentes espaços políticos, sociais e culturais. Cabe a nós, estudiosos da linguagem continuarmos a trilhar esses e outros caminhos na tentativa de compreender sempre e mais o homem em suas mais variadas formas de expressão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Para uma metodologia das ciências humanas (1974). Toward a Methodology for the Human Sciences, in: *Speech Genres & Other Late Essays*, p. 159-172.

BAKHTIN, M. M. *Problems of Dostoevsky's poetics* (C. Emerson, Ed.). Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- BRAIT, B. Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C. CASTRO, G. de. (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006. p. 54-66.
- BRAXLEY, K. Mastering Academic English: international graduate students' use of dialogue and speech genres to meet the writing demands of graduate school. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning: new perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 11-32.
- CHAUI, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.33-35.
- DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. P. 55-84.
- DUFVA, H.; ALANEN, R. Metalinguistic awareness in dialogue: bakhtinian considerations. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning: new perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. P. 99-118.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FREITAS, M. T. de A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. São Paulo: Papirus Editorial, 1994.
- FREITAS, M. T. de A. Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005. p. 1-8.
- JOHNSON, D. *Approaches to research in second language learning*. New York: Longman, 1992.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p.167-176.
- NUNAN, D. *Research methods in language learning*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- ORR, J. L. Dialogic investigations: cultural artifacts in ESOL composition classes. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning: new perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. P. 119-147.

SOUSA SANTOS, B. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 177-190.

VIGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VITANOVA, G. Authoring the self in a non-native language: a dialogic approach to agency and subjectivity. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 149-170.

ANEXOS

I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O respeito à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

Por essa razão, criaram-se as seguintes *Instruções para elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde:

- a) o texto do Termo de Consentimento deve ser redigido em linguagem acessível, considerando que os esclarecimentos devem ser dirigidos aos sujeitos da pesquisa. O tamanho das letras e o espaçamento utilizados no Termo de Consentimento devem ser tais que permitam uma fácil leitura.
- b) A redação do termo de Consentimento submetida à análise do CEP/UFMG deve ser idêntica àquela fornecida ao sujeito da pesquisa, sendo, portanto, vedada qualquer alteração após emissão de parecer final do Comitê.
- c) Em pesquisas envolvendo crianças, adolescentes, portadores de perturbação ou doença mental e sujeitos em situação de substancial diminuição em suas capacidades de consentimento, o Termo de Consentimento deverá ser assinado por seus representantes legais, sem suspensão do direito de informação dos indivíduos, no limite de sua capacidade (Res. CNS n.º 196/96-IV.3.a).
- d) A liberdade do consentimento deverá ser particularmente garantida para aqueles sujeitos que, embora adultos e capazes, estejam expostos a condicionamentos específicos ou à influência de autoridade, especialmente estudantes, militares, empregados, presidiários, internos em centros de readaptação, casas-abrigo, asilos, associações religiosas e semelhantes, assegurando-lhes a inteira liberdade de

participar ou não da pesquisa, sem quaisquer represálias (Res. CNS n.º 196/96-IV.3.b).

e) Em pesquisas em que estiver prevista a utilização e o armazenamento de material biológico (Res. CNS n.º 347/2005), deve constar do Termo de Consentimento a declaração do compromisso do pesquisador em utilizar tal material exclusivamente para o projeto de pesquisa proposto. Além disso, deve-se apresentar informação quanto ao armazenamento de material biológico para futuros estudos, mediante aprovação do(s) novo(s) projeto(s) pelo CEP.

f) Em pesquisas em que estejam previstos coleta, processamento, uso e armazenamento de dados e materiais genéticos humanos, deve também constar do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido os itens do artigo V da Res. CNS n.º 340/2004.

g) O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quando necessário, deve explicitar informação quanto a medidas de proteção de dados individuais, resultados de exames e testes, bem como do prontuário, que somente serão acessíveis aos pesquisadores envolvidos e aos quais não será permitido o acesso a terceiros (seguradoras, empregadores, superiores hierárquicos etc.).

f) Em projetos de pesquisas em que estiver prevista a aplicação de questionários e/ou a realização de entrevistas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve assegurar ao indivíduo o direito de recusar-se a responder às perguntas que ocasionem constrangimentos de alguma natureza. O sujeito deve ser informado a respeito do tempo previsto para aplicação do questionário ou do número e duração das sessões de entrevista; do local e dos meios utilizados para registro da entrevista; do uso e destino do material coletado.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa.

Meu nome é....., sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é

.....

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o(s) pesquisador(es) responsável(is),.....nos telefones:..... Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

1) Título da pesquisa:

2) Justificativa, objetivos e os procedimentos utilizados da pesquisa:

- Para a coleta de dados serão utilizados os seguintes instrumentos:

3) Risco de desconforto e benefícios para os participantes da pesquisa:

- Não haverá desconforto nenhum para os alunos que participarão da pesquisa. Garanto sigilo assegurando a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Eles não serão identificados com nomes ou algo que os exponha;

- Em caso de danos decorrentes de sua participação na pesquisa o participante terá o direito de pleitear indenização. Esclareço que não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação;

- O aluno tem garantia expressa de liberdade podendo se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;

Nome e Assinatura do pesquisador _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____, RG/ CPF/ n.º de prontuário/ n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____, como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) _____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento, se for o caso).

Local e data: _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____

ATENÇÃO: para pesquisas envolvendo crianças e adolescentes, portadores de perturbação mental ou doença mental e sujeitos em substancial diminuição em suas capacidades de consentimento, cujo Termo de Consentimento será assinado por seus representantes legais:

Eu, _____, RG/ CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo sua participação no estudo _____, como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a)

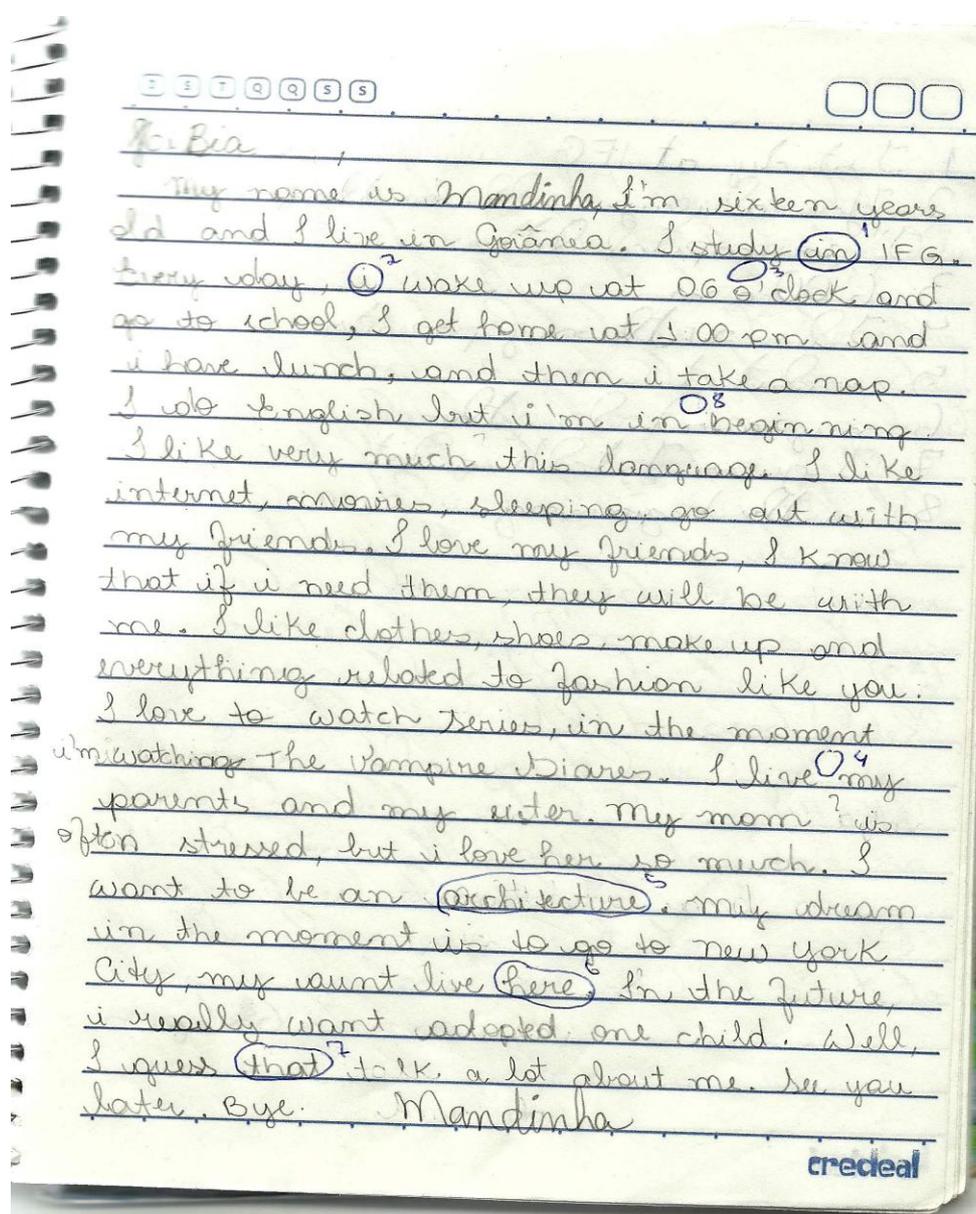
sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da sua participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção do acompanhamento/ assistência/tratamento prestado ao sujeito pesquisado.

Local e data:

Nome e Assinatura do Responsável:

II

Trechos do diário produzido por Mandinha e Bia.



D S T Q Q S S

000

Beleza Mandinha
Nice to meet you! I saw a lot of things that we have in common. Do you see we want work together? Engineers and architects work together right? I hope we can do it one day! Oh and about fashion? I remembered you last Friday, I bought a perfect shoe, it is blue and it is really tall. I loved buy it! I'll use it next Saturday for a wedding my cousin is wedding! I'm going to wear the shoe with a black dress. What do you think? Will be good? Well, I hope so. Do you believe I'm writing this letter at 2:30 am? HAHA! Yes, I was with trouble to sleep, so I get tired of my bed and came to the classroom, but tomorrow I have to go to school so I'll back to my bed. xoxo

Bia

credeal

000

D S T Q Q S S

1- Friday
2- What
3- bed